

O EMPREGO DE TÉCNICAS DE NEUROLINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENSINO X APRENDIZAGEM EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA: “O CASO DE UMA ESCOLA EM ARACAJU”¹

Cláudio Vasconcellos¹

Angela Catarina de Oliveira Vasconcelos²

RESUMO:

O presente artigo é resultado de um estudo detalhado feito numa Escola Privada – Cepi Expansão, no bairro Luzia, em Aracaju-SE, onde foi preciso assistir a algumas aulas de língua inglesa para o público infantil. O objetivo principal do trabalho é descrever as técnicas de neurolinguística nas salas de aula para que o professor possa empregar de forma consciente ou inconsciente, para uma melhor assimilação de informações de conteúdos para os alunos. A neurolinguística é uma ciência que estuda como o cérebro processa a comunicação, no desenvolvimento da linguagem, escrita e aprendizagem. Tomando como foco essa definição, surgiu a curiosidade em saber como é a desenvoltura das crianças, nas aulas de inglês e quais são as técnicas da neurolinguística utilizadas pelo professor.

Palavras-chaves: Língua inglesa, crianças e técnicas de neurolinguística.

ABSTRACT:

This article is the result of a detailed study done at a Private School – Cepi Expansão, in Luzia neighborhood, in Aracaju-SE, where it was necessary to attend some English language classes for children. The main objective of this work is to describe the neurolinguistic techniques in the classroom so that the teacher can use consciously or unconsciously to better assimilate content information to the students. Neurolinguistics is a science that studies how the brain processes communication, language development, writing and learning. Focusing on this definition, curiosity arose to know how well the children are in English classes and what are the techniques of neurolinguistics used by the teacher.

Keywords: English language, children and neurolinguistic techniques.

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) orientado pelo Professor Dr. Cláudio Vasconcellos como requisito básico para conclusão da Especialização em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística no Núcleo de Pós-Graduação e Extensão da FANESE (Faculdade de Negócios de Sergipe) – Aracaju/Sergipe, 2019.

² Bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo/ Universidade Tiradentes (Unit) 2007 e Licenciatura Letras-Português/ Universidade Tiradentes (Unit), 2012.

1. INTRODUÇÃO

É cada vez mais evidente a necessidade e a disposição das pessoas em aprender um outro idioma. Os motivos desse grande crescimento por esta aquisição são vários: ascensão e a conquista de empregos melhores, entrada em cursos de mestrado e doutorado, motivos e realizações pessoais tais como viagens, entre outros. A necessidade da aquisição de uma nova língua não só é vista para adultos e adolescentes, pois as crianças e adolescentes já estão sendo preparados para vivenciar outra língua³, no seu ritmo de aprendizado seja na escola ou curso.

Antes a preocupação era dominar apenas a língua materna (português), agora esta realidade é bem diferente. O mundo está cada vez mais versátil e é preciso adequar-se a ele, para não ficar atrasado (a). A comunicação é a peça-chave de tudo na vida e a língua também está atrelada a esse sucesso. No entanto, se a pessoa não sabe comunicar-se e interagir com alguma língua, será inútil o feedback.

O presente trabalho acadêmico pretende expor a importância de ensinar uma segunda língua, que neste caso será o inglês, para o público infantil. Além disso, mostrar as metodologias do professor ou da professora, as dificuldades que as crianças têm e como elas conseguem entender este idioma de forma tranquila e descontraída. A escola escolhida para a atividade mencionada é o Cepi Expansão.

A Unidade de Ensino está localizada no bairro Luzia, em Aracaju. É uma rede privada, possui os ensinos Fundamental e Médio. A turma escolhida para estudo foi o 3º ano do ensino fundamental menor (única turma), com vinte e sete alunos matriculados e com três professores (1 professor Geral, 1 professor de Artes e 1 professor de Inglês).

A neurolinguística é muito utilizada como técnicas de aprendizagem em qualquer área. Ela é uma ciência que estuda como o cérebro humano se desenvolve e a capacidade linguística, direcionando seu foco de estudo na aquisição da linguagem e aos distúrbios da mente no que se refere a lesões cerebrais.

Partindo das informações supracitadas, questiona-se como o professor ensina as crianças, sem pressão e cobrança, para elas interagirem nas aulas, usando de forma direta ou indireta as técnicas da neurolinguística. Também como é o desempenho dessas ao

³ Destacamos aqui também a fase primordial de aquisição de uma língua. Embora a teoria de que adultos são menos sucessíveis a aprendizagem tenha sido desmascarada por vários cientistas das Neurociências nos últimos anos, estes são construtos históricos e que fazem parte do imaginário de muitos leigos, corroborando assim a uma prática de exclusão e abandono dos adultos e seniors da sala de aula ao mesmo tempo, esta prática conduz crianças e adolescentes a um acesso mais rápido com uma segunda língua.

desenvolverem essas técnicas. Entende-se que toda criança é curiosa e algo novo chama a sua atenção. O que pode ser um desafio para outros públicos (adolescentes e adultos) é motivo de lazer, aventura e importantes descobertas para as crianças.

Hoje, com a tecnologia avançada, o professor ou a professora de inglês tem uma grande aliada para dinamizar suas aulas. Pode usar vídeos, jogos educativos, áudios e músicas. O intuito é de chamar a atenção dos alunos para ver com outros olhos que não é tão difícil aprender inglês e que pode ser interativa essa socialização com as ferramentas para o estudo.

Algumas pesquisadoras na área da neurolinguística, Scherer e Gabriel vão além de uma simples observação, sobre os mistérios que envolvem o cérebro e sua capacidade de processamento da língua:

Convém ressaltar, no entanto, que na medida em que níveis mais altos de proficiência na língua estrangeira vão sendo alcançados, maior será a ocorrência de processos implícitos no seu processamento. Dessa forma, pode-se dizer que memórias explícitas podem se tornar implícitas (e vice-versa). A relação entre memórias, automatização e processamento de língua (s) no cérebro representa um campo muito fértil de estudos, pois muito ainda há a ser explorado até que se obtenha uma compreensão bem consistente sobre essa dinâmica. (SCHERER e GABRIEL, 2007, p,77)

Percebe-se na referida citação que as autoras falam sobre o avanço da aprendizagem de uma nova língua. A partir do momento que o público-alvo é apresentado a um novo idioma, este interage e os progressos surgem gradativamente, ocasionando um aprendizado natural, enriquecedor e satisfatório. Embora, o cérebro ainda seja um mundo desconhecido para os estudiosos e as pessoas de maneira geral, o campo de estudo para saber como o cérebro funciona ainda está cauteloso. Muitas pesquisas ainda estão para acontecer e responder perguntas que não foram esclarecidas.

Por fim, diante do processo de armazenamento de informações e recuperação no cérebro, a memória está classificada como Implícita ou Explícita. Implícita está relacionada à forma como aprendemos a fazer coisas, aquisição de habilidades motoras ou perceptivas que a consciência não tem acesso. Já a Explícita a aprendizagem está ligada ao mundo, a aquisição de conhecimento sobre as pessoas, lugares e coisas que são acessíveis à consciência (LOMBROSO, 2004; LENT, 2001; KANDEL et.al, 2000).

1.1. Entendendo um pouco a neurolinguística

Os movimentos funcionalistas e interacionistas progredidos no campo da Linguística a partir de meados do século XX, interessam à pesquisa neurolinguística, que vem

investigando os aspectos formais e discursivos da produção e da compreensão da linguagem em circunstâncias de uso e da prática cotidiana.

A neurolinguística é o estudo da relação entre diferentes aspectos da função cerebral associada à linguagem e à comunicação. Cabe à Neurolinguística “explorar como o cérebro compreende e produz linguagem e comunicação” (AHLSEN, 2006, p. 3).

Entende-se que é preciso achar formas para chamar a atenção dos alunos, na sala de aula. O ensino tradicional não é mais tão relevante quando se trata de aprendizado satisfatório. Falar em técnicas neurolinguísticas é ter criatividade para ensinar, estimular e interagir com os aprendizes no processo de aprendizagem de uma segunda língua.

A tese de um período crítico para aquisição veio da biologia (SINGLETON e RYAN, 2004) e afirma que “uma fase limitada no desenvolvimento de um organismo durante a qual uma atividade ou competência precisa ser adquirida” (p.32). Tal tese pode ser simplificada da seguinte maneira: “há um período de desenvolvimento durante o qual é possível adquirir uma língua seja ela L1 ou L2, em níveis normais, como nativos. Uma vez que essa janela de oportunidade passa, entretanto, a habilidade de aprender línguas declina” (BIRDSONG, 1999, p.1).

Baseada nas reflexões iniciais do programa chomskiano e assumindo que as crianças são biologicamente programadas para a aquisição linguística, a tese de um período crítico ou sensível foi adotada inicialmente por linguistas e biólogos (LENNEBERG, 1967) que apoiavam o posicionamento inatista. Segundo esse autor, o progresso da autonomia cerebral integrar-se-ia aproximadamente na puberdade, tida como o final da fase crítica. Logo, dificilmente uma pessoa alcançaria desenvolver linguagem, pelo menos sem grandes obstáculos, após esse intervalo.

Chomsky não especificou uma idade para a aquisição de língua materna ou à evidência de um lapso crítico para a aquisição de segunda língua. Ainda nessa temática, muitos estudos sobre a aquisição de linguagem procuram apontar não apenas a existência de “vários períodos críticos”, como a influência da língua materna na aquisição de uma segunda língua e na condição bilíngue (ou multilíngue) dos indivíduos.

O questionamento que se propõe, além da existência de um período crítico, é a precisão temporal (SCOVEL, 1988; KRASHEN, 1981), assim como sua relação qualificada com distinções dos processos linguísticos (processos fonético-fonológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, etc.). Com isso, pergunta-se e sob quais condições adultos aprendem línguas tão bem quanto crianças (SNOW e HOEFNAGEL-HOHLF, 1978) ou quais aspectos da aquisição

de crianças e adultos seriam passíveis de comparação (KRASHEN, LONG e SCARCELLA, 1976).

No âmbito desse debate, há autores que colocam em questão formas exclusivamente (meta)linguísticas da noção de fluência (SCARPA, 2001) e escolhem falar em período “sensível”, no lugar de período crítico (LAMENDELLA, 1977); há outros também que argumentam o esclarecimento de um período crítico em termos minuciosos, sugerindo comentar sobre “períodos críticos múltiplos” (SELIGER, 1978) relacionados a diferentes processos linguístico-pragmáticos, diversificadas práticas discursivas e contexto de uso.

As pesquisadoras na área da neurolinguística Scherer e Gabriel (2007) apontam destaques e variações quanto a certos processos vinculados à aquisição de L1 e L2:

Se de um lado, a língua materna é adquirida de modo assistemático, em contextos naturais de uso da língua, o ensino de língua estrangeira se dá, via de regra em nosso país, em uma situação formal de aprendizagem, em um contexto formal de sala de aula (...) O aprendiz de língua estrangeira, por outro lado, em geral a aprende em um ambiente controlado, com ênfase às regras de formação da língua, com base na metalinguagem (especialmente no caso do adulto) e no conhecimento prévio de sua língua materna, no qual muitas vezes ancora o conhecimento da segunda, o que gera a transferência linguística de elementos da primeira para a segunda língua. Sendo assim, pode-se dizer que a aquisição de uma língua estrangeira baseia-se sobretudo na memória explícita (mais relacionada à declarativa), ao passo que a aquisição da língua materna se apoia mais na memória implícita (mais relacionada à procedural). (SCHERER e GABRIEL, 2007, p.76)

No meio de tantas contestações os pesquisadores ainda não chegaram a um estudo unificado. Sabe-se que cada pessoa tem a sua maneira de entender e reagir quando é provocada. A questão da idade certa é algo que vai muito além de uma simples observação. É por isso que a neurolinguística busca compreender as manifestações do cérebro no que diz respeito ao processo de armazenamento das informações.

Segundo Indefrey, é possível falar uma língua estrangeira com a mesma agilidade que se fala a primeira. Na publicação do seu artigo em 2006, o autor declara que não há uma região cerebral que separadamente seja responsável ou empregada para línguas estrangeiras, sendo difícil instituir diferença em termos de ativação neural quando do uso de línguas diferentes pelo mesmo falante. Em entrevista publicada na revista “Ciências Hoje”, o autor esclarece os resultados de estudos como os seus:

Em ambos os casos, vemos ativadas as duas regiões cerebrais clássicas relacionadas à língua, a área de Broca, no córtex frontal,

e a área de Wernicke, no córtex temporal. No entanto, há algumas evidências de que nessas áreas possam ocorrer pequenas diferenças na localização exata de populações de células nervosas que processam as línguas maternas e as outras. Claro que, em um sentido mais geral, deve haver diferenças no modo como o cérebro processa línguas estrangeiras e a língua materna. (SCZESNIAK, K.; VIEIRA, C.L. 2007, p. 11)

Paul Broca e Karl Wernicke foram um dos primeiros estudiosos sobre a estrutura do cérebro humano. Eles utilizavam o método clínico que resumia em relacionar as anomalias anatômicas observadas na análise post mortem do cérebro de pacientes com quadro de deficiências cognitivas em vida. Esse método foi utilizado à época para conhecer as áreas do cérebro até hoje denominadas como área de Broca e área de Wernicke, ambas situadas no hemisfério esquerdo e que adotaram no senso comum a ideia recentemente contestada de que o hemisfério esquerdo é o único responsável pelas tarefas relacionadas ao processamento da linguagem.

2. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA SELECIONADA.

O Colégio Cepi Expansão foi fundado em 1º de março de 1983. É particular, possui os ensinamentos infantil, fundamental e médio. É uma escola bilíngue, tendo como parceiro o Grupo International School. Essa parceria ajuda à Instituição inovar no ensino de língua inglesa, oferecendo, curso de capacitação para os professores, dicas de materiais didáticos e apoio no que for necessário para os alunos aprenderem o idioma de forma adequada. A Unidade de Ensino sendo bilíngue, isto significa que nas outras disciplinas o português é falado, porém nas aulas de inglês só fala o idioma. A escola foi escolhida pela sua estrutura organizada. Além de cumprir com a sua grade curricular, a mesma dispõe de serviços diferenciados como Sistema de Horário Estendido, Sistema Integral, Psicologia Escolar e Nutrição Saudável.

A série que escolhemos para observarmos foi o 3º ano do fundamental menor, com crianças na faixa etária de 8 anos de idade, iniciando o contato com uma nova língua. Entende-se que estas estão aprendendo a desenvolver os vocabulários linguísticos e ao mesmo tempo aprendendo a diferenciar e viver uma nova cultura.

Serão cinco dias de aulas para observarmos, com duração de cinquenta minutos, de segunda a sexta, das 10h às 10h50min, no 3º ano do fundamental menor, no turno matutino. Essa turma possui 27 alunos e tem três professores: a professora regente, a professora auxiliar e o professor de inglês. Não serão mencionados os nomes deles para preservar as suas identidades.

A sala a qual observamos este trabalho fica no primeiro andar. Ela é pequena, possui dois basculantes no alto, tem um ar condicionado, tevê, duas estantes pequenas com os materiais dos alunos. Um quadro grande, um birô, as carteiras para os alunos, que são como aquelas de antigamente, a cadeira com mesa, estas estavam organizadas em cinco filas. Há cartazes pela sala com os seguintes títulos: welcome, birthday calendar e quadro de comemorações em branco.

De segunda a sexta, as aulas de inglês para as crianças começam às 10h e terminam às 10h50min. É uma turma com 27 crianças, na faixa etária de oito anos. São animadas, comunicativas, barulhentas e encaram a aula como uma diversão. Além disso, gostam do professor. Mesmo tendo contrariedade com o mau comportamento das crianças, percebeu-se que o professor tem paciência e agilidade com os alunos.

O professor não tem sala própria para dar aula. Ele divide a sala com a professora regente e uma auxiliar. A professora regente fica em seu birô, enquanto a auxiliar senta no fundo da sala. Elas ficaram até o final da aula dele. Então, ele fica em pé ministrando a aula e passando pelas carteiras dos alunos para tirar dúvidas e observar os alunos fazendo as atividades.

3. CONTEXTUALIZANDO O LIVRO DIDÁTICO.

O nome do material didático utilizado pelo profissional foi English: ensino fundamental. 4ºano, Livro Único, SAS, 6ª edição, Fortaleza, 2018, Coleção Lendo o Mundo, cujo os autores são Carlos Renato Gurgel Cavalcante e Selba Maria Muratório Mendes. Segundo o professor, o referido livro tem bastante atividade para prática de conversação. Ainda mencionou que todas as unidades iniciam com duas ou três páginas, contendo um diálogo ou um minitexto, com auxílio visual para apresentação do vocabulário, sem necessidade de tradução.



Figura 1. Foto tirada do celular do professor de inglês.

Em se tratando das conversas propostas, pelo instrumento de ensino (o livro) o mesmo avisou que os diálogos ou textos servem como base ou módulo para inventar alguma atividade oral, geralmente em duplas.

De acordo com o site: www.portalsas.com.br, em 2004, surge a plataforma de educação (SAS), propagando conteúdo, tecnologia e serviços de alta qualidade, para mais de 780 escolas em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, disponibilizando soluções educacionais da Educação Infantil ao Pré-Universitário.

A equipe do SAS reitera o seu objetivo com este trabalho: “No SAS, trabalhamos para contribuir com a escola, auxiliando professores e gestores na tarefa de potencializar o aprendizado e desenvolver no aluno as habilidades para enfrentar os desafios de sua vida, dentro e fora da sala de aula. Por isso, renovamos constantemente nossos conteúdos e nossas abordagens, atualizando dados e informações” (www.portalsas.com.br).

4. PROCESSO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS

Foram observadas ao total 5 aulas. Nelas participei como observadora.

4.1. Primeira aula.

Hoje, 11 de março de 2019, ao entrar na sala, o professor de inglês falou: - “Good morning children! How are you?” e as crianças responderam: “Good morning teacher! I fine. Thank you!” Ao terminar os cumprimentos, o professor disse em português para as crianças e as professoras (regente e auxiliar) que a tia ficaria assistindo às aulas de inglês, por alguns dias. Então, ele pediu em português para as crianças cumprimentarem a tia, em inglês. As crianças mostraram que sabem falar “Good morning teacher! Welcome teacher! How are you?” A pesquisadora as cumprimentou: - “Good morning children! I’m fine! Thanks! My name is Angela Catarina. I am a teacher of portuguese and a journalist too”. O profissional perguntou em português se alguém entendeu o que a visitante falou. Alguns entenderam uma parte. A pesquisadora visitante traduziu as palavras ditas. As crianças não se sentiram incomodadas com a presença da observadora. Elas foram educadas, receptivas e muito alegres.

Além do bate-papo (cumprimentos iniciais) na língua estrangeira, é permitido conversar em português tipo, dúvidas sobre o enunciado de algum exercício, por exemplo. Isso de forma simples, não se esquecendo de que as crianças estão tendo noções de como se fala a língua. Em seguida, pegou na estante os livros de inglês das crianças, com seus respectivos nomes e os entregou a cada um deles.

O educador iniciou a aula pegando um livro e começou a perguntar em inglês os nomes das gravuras, enquanto folheava as páginas. As crianças diziam corretamente: “hamburger (hambúrguer), lemon (limão), onion (cebola), salad (salada), beef (carne), eggs (ovos), yellow (amarelo), green (verde)” ... Depois pediu em inglês que os alunos abrissem o material didático na página seis e respondesse duas questões: a primeira se referia a uma tabela, a qual desenhou no quadro com as seguintes opções: Sweet (doce) – Salty (salgado) – Sour (azedo) – Bitter (amargo). Ele explicou para as crianças que as palavras estavam misturadas e era preciso colocá-las nas opções apresentadas na tabela. Em um determinado momento, um menino perguntou ao professor como se caracterizava coffee (café) nas opções referidas. Aí, o professor fez uma cara indicando que o gosto não era suave, então o menino entendeu o significado de bitter (amargo) e a criança entendeu. Em nenhum momento da aula o professor traduzia as palavras. De acordo com o mesmo são utilizados métodos como a expressão corporal, mímicas, imagens ou gravuras e desenhos, para melhor entendimento da língua. A tradução é em último caso. A outra tarefa era a mesma coisa que a questão anterior, sendo com os termos positive e negative.

Um detalhe importante é que havia um menino sentado na frente, fazendo alguma atividade com a professora regente. Ele ficava calado e só interagia com ela. Segundo a professora, ele tem autismo em grau alto. Então por conta da realidade desta criança, a educadora é obrigada a passar atividades exclusivas, durante a suas aulas e na aula de inglês. Enquanto isso, as outras crianças ficavam sob a responsabilidade do professor de língua estrangeira.

Como é uma hora de aula por dia, observou-se que o professor é muito dinâmico, ágil e observador. As crianças não ficam com vergonha de tirar dúvidas. Elas falam em português. A turma gosta de conversar e isso acaba tumultuando a aula. Tanto o professor como as professoras (auxiliar e regente) pedem silêncio em língua portuguesa. Por conta dessa conversa algumas crianças se atrapalham ao fazerem as atividades ou não a respondem no tempo estabelecido pelo professor. Também foi observado que as crianças ajudaram umas às outras na hora de responder os exercícios, o que torna o processo de aprendizado mais fácil e prazeroso.

4.2. Segunda aula.

Hoje, 12 de março de 2019, foi a aula de lego⁴, que aconteceu no térreo, numa sala reservada para atividades lúdicas. Ela é pequena, tem dois basculantes, possui tapetes de brinquedo, uma estante com livros, cartazes pelas paredes, com as letras do alfabeto e as pronúncias em inglês, as estações do ano (Spring – Summer – Autumn – Winter), os meses (January – February – March – April – May – June – July – August – September – October – November – December), saudações (Greetings), cores (White – Black – Orange – Yellow – Green – Blue – Violet – Grey – Pink – Purple – Brown), dias da semana (Sunday – Monday – Tuesday – Wednesday – Thursday – Friday – Saturday) e não há carteiras. As crianças sentam no chão e o professor fica em pé.

Todas às terças-feiras as crianças têm a aula de lego⁴. O professor divide a turma em grupos, escolhe um líder, diz o nome do assunto e põe duas caixas com peças de brinquedos para os alunos montarem. Restaurante foi o tema da aula.

As vinte e sete crianças estavam presentes. O professor falou em inglês para os alunos se organizarem em grupos, contudo foi preciso o mestre dividi-los, pois as crianças estavam fazendo barulho e não se organizavam. Então, a turma ficou dividida em grupos com seis componentes e outros com sete componentes. O líder de cada equipe ficava responsável de pegar as peças para montar no tabuleiro com os outros integrantes.

As crianças estavam agitadas, falavam alto e não tinham ideia de espaço entre as equipes. O educador teve dificuldades para delimitar espaços entre elas. Como a sala é pequena contribui para o desconforto, entretanto com muita paciência e sacrifício o mestre conseguiu mantê-los organizados.

Observou-se que as crianças não tinham ideia do papel de um líder e isso acabou causando pequenas confusões entre os grupos, como o fato de representar o grupo na hora de buscar as peças e estas queriam montar o tabuleiro sozinhas. O professor vendo essa situação, explicou que todos deveriam montar as peças no tabuleiro e apenas o líder de cada equipe deveria deslocar-se para buscar as peças. Enquanto isso, o menino autista ficou em um dos grupos, contudo ficava calado e um pouco isolado dos colegas. Ele estava brincando com alguns brinquedos da sala.

⁴ **Legó** é uma aula interativa e temática, onde o professor escolhe um tema e usa os brinquedos que a escola dispõe para as crianças montarem o assunto abordado. Nessa, o educador utilizou o tema restaurante. O objetivo dessa aula é trabalhar desenvolvimento lógico, estimular o desenvolvimento cognitivo e motor, aprimorar a criatividade, aprender a se relacionar com as pessoas e a executar atividades em grupos.

Percebendo a demora das crianças terminarem a montagem do restaurante, o professor prolongou o tempo da atividade, porém o barulho permanecia. Isso o deixou apreensivo e nervoso.

Depois do tempo estendido para a atividade, o mestre pediu em inglês para os alunos pararem, levantassem as mãos e encostassem na parede. Todos obedeceram a ele. Em seguida, ele tirou fotos das montagens para usá-las na próxima aula, numa nova atividade.

Segundo o professor, a escola está procurando inovar nas atividades para este público. Há uma preocupação em discutir estratégias didáticas para melhor servi-los, transformando num ensino adequado e satisfatório. Essa informação foi mencionada ao final da aula, quando a pesquisadora foi esclarecer algumas dúvidas sobre a referida aula. A mesma não havia entendido o que era a aula de lego.

4.3. Terceira aula.

Hoje, 13 de março de 2019, a aula aconteceu no outro prédio, no primeiro andar, na sala de Robótica. A sala é grande, possui duas caixas de som, Datashow, dois basculantes, tem dois quadros pequenos, quatro computadores, sendo um na mesa do professor e os outros distribuídos nas mesas e no fundo da sala há duas mesas com duas caixas de materiais. De acordo com a professora regente, esta sala tinha oito computadores, mas reduziram a quantidade, sem dizer o motivo.

O professor solicitou às crianças que formassem os grupos que estavam organizados na aula anterior (terça-feira). Nesse momento as crianças ao se agruparem, ficavam conversando alto. O educador e a professora regente pediam silêncio com impaciência e falavam alto algumas vezes.

Na aula anterior as crianças se dividiram em grupos com seis componentes e outros grupos com sete integrantes. O profissional de língua inglesa foi até cada grupo, baixou do celular para cada computador as fotos que tirou dos trabalhos deles. Depois abriu um programa, colocou a imagem escolhida de cada equipe neste e explicou para as crianças que era necessário escolher um plano de fundo que combinasse com a foto temática (Restaurante) e por fim criar um nome para a mesma.

As crianças discutiam muito entre si. Tanto na aula anterior como nesta, constatou-se que elas não sabem trabalhar em equipe. Autoritarismo, egoísmo, arrogância e falta de atenção foram observados em algumas crianças. Em outro momento, o garoto autista não interagiu com a equipe. Ficava sentado e calado. Enquanto isso, o tempo passava e pouco se produzia e tanto o professor como a professora regente ficavam estressados com a situação.

Ao final da aula, o professor falou em inglês para as crianças pararem, pois o tempo havia encerrado. Ele tirou fotos das atividades dos alunos realizadas nos computadores. No tempo proposto, os alunos escolheram o plano de fundo para a imagem e digitaram pequenos títulos como por exemplo, “Friend’s good fish restaurant,” “Hello, one coffee and no sugar”, “What a goog food”, etc. Apenas uma equipe escolheu um plano de fundo diferente. Enquanto as outras escolheram o mesmo plano de fundo.

Apesar de alguns desconfortos o professor dava instruções às crianças, tentava pôr ordem e tirava as dúvidas. A redução de computadores na sala de Robótica, dificulta na organização, agilidade nas tarefas e compromete o aprendizado dos alunos. A turma por ser grande, teve que formar grupos de número maior, ocasionando tumulto e chateações. De acordo com a professora regente, essa turma no ano passado era dividida. Como tinha 30 alunos, dividiram em duas turmas, porém neste ano resolveram juntar. Ainda essa mesma profissional informou que os alunos estão causando problemas por conta do mal comportamento e que antes quando a turma era dividida era tranquilo de se trabalhar.

4.4. Quarta aula.

Hoje, 14 de março de 2019, a aula de inglês aconteceu na sala de sempre, com a presença da professora regente e a auxiliar. O professor de língua estrangeira, entrou, cumprimentou a turma: “Hello!”, “Good morning, children!”, “How are You”? Eles responderam corretamente.

Após se acomodar, o professor pegou alguns livros didáticos e entregou a cada um. Daí, pegou um livro de gravuras coloridas (que foi utilizado na primeira aula) e perguntava às crianças o nome de cada imagem. Elas respondiam: “hamburger (hambúrger), lemon (limão), onion (cebola), salad (salada), eggs (ovos), beef (carne), pumpkin (abóbora), cheese (queijo), soda (refrigerante), pão (bread), mas algumas crianças erraram os nomes, pineapple (abacaxi) e cucumber (pepino). O professor pediu que prestassem a atenção nele ao pronunciar estas palavras. As crianças repetiram os nomes sem mais dificuldades.

Dando continuidade à aula, o professor desenhou uma tabela no quadro com as opções: Protein – Fruits – Vegetables – Dairy. Ele pediu exemplos do livro para acrescentar nessas opções. As crianças falaram “meat para Protein”, “tomato para Fruits”, “lettuce, courgette e onion para Vegetables” e “milk para Dairy”. Em seguida, pediu aos alunos para responder as atividades das páginas 33 e 34. As crianças entendem quando ele fala em inglês. Além do falar ele dar dicas e explica como responder as questões.

Uma das questões sobre o assunto referido, o educador comentou em inglês que era para ligar as ilustrações dos alimentos nos respectivos tipos: Protein – Fruits – Vegetables – Dairy.

Ao corrigir, percebeu que todos os alunos entenderam e para finalizar as atividades, passou mais outra questão e solicitou que pesquisassem as páginas 26 e 27, pois apresentavam mais exemplos destas classificações.

Por fim, pegou novamente o livro de gravuras e perguntou os nomes delas as crianças e questionou a classificação dos alimentos. Poucos se atrapalharam, mas os nomes e as pronúncias dos alimentos as crianças souberam identificar e classificar.

4.5. Quinta aula.

Hoje, 15 de março de 2019, como de costume o professor entrou na sala, cumprimentou as crianças, mas de maneira rápida: “Hello! Good morning children!” A turma respondeu aos cumprimentos. Estavam presentes 23 alunos, as professoras regente e a auxiliar. O educador entregou alguns livros e pediu silêncio.

Após a entrega dos livros, solicitou em inglês a abertura destes na página 78. Era um texto, com o tema “How many books are there”? Ele leu o texto com a turma. Depois, o mesmo perguntou em português aos alunos, qual era o assunto do texto. Alguns responderam que se referiam à quantidade. Então, ele reafirmou a resposta e acrescentou que “How many” é usado para perguntar a quantidade de coisas. Aproveitou para questionar em português como seria em inglês “Quantos amigos”? e “Quantos animais”? As crianças responderam ao professor: “How many friends”? e “How many animals”? sem dificuldades. Nesse raciocínio ele explicou que a forma verbal “there are” é o plural de “there is”.

O professor de língua estrangeira respondeu com as crianças a interpretação de texto. Eram questões referentes a quantidades (How many?) de objetos e pessoas. Nesse momento, foi observado que algumas crianças se atrapalhavam nas respostas, por falta de atenção no texto. Isso devido à conversa paralela, trazendo um pouco de tumulto na aula. O profissional pedia silêncio. Mesmo com essa realidade é visível o aprendizado das crianças.

Depois o professor mencionou a página 81. Essa continha a lição dos números de um até vinte com suas respectivas pronúncias. Era apenas para treinar a fala. Então, o mesmo pronunciou cada número e algumas crianças repetiam, enquanto outras estavam dispersas e conversando. A turma é muito agitada e causa um certo desgaste aos professores (a regente, a auxiliar e ao professor de inglês), porque a todo instante pedem silêncio.

No decorrer das atividades, o professor revisou rapidamente o emprego dos tempos verbais “There is e There are” e, dos artigos “a e an”. Algumas crianças lembraram que as primeiras se referiam a palavras que estão no singular e plural, e as segundas se empregam antes

de palavras que se iniciam por consoante e vogal. Os esquecidos ficaram preocupados, mas o professor pediu calma, logo ficaram tranquilos.

Durante os exercícios feitos e corrigidos em classe, o professor passava pelos alunos para observá-los de perto. Tirava dúvidas e chamava a atenção. Foram muitas atividades e também passou algumas atividades para fazerem em casa. Ordenou às crianças para anotarem na agenda as páginas e dia para serem entregues.

Outro detalhe, é a criança autista que tem na turma. Chamou um pouco a atenção da pesquisadora esse fato. O menino não se socializava com os coleguinhas durante os dias de aula e fazia atividades com a professora. O garotinho senta na frente, onde fica o birô da educadora. Na aula de quarta-feira, na sala de robótica, a professora regente desabafou que além da dificuldade de fazer os meninos se comportarem, há uma criança autista para dar assistência. O olhar dela foi direcionado a ele.

Na última aula de visitação, o menino ficou brincando com o aviãozinho e um outro brinquedo, porque a professora estava muito atarefada. Ela sentou numa cadeira, no fundo da sala. Enquanto isso, em silêncio, o menino saía da carteira para pegar o aviãozinho, quando caía longe. De acordo com a educadora, as outras crianças já se acostumaram com o jeito dele e o respeitam. Ele estuda com esta turma desde o primeiro ano. Apresentava muitos problemas, mas a psicóloga da escola fez um treinamento com ele e a família o leva para fonoaudiólogo, psicólogo e para natação.

Observou-se que esta aula foi muito dinâmica, com exploração de gramática e muitos exercícios. Além disso, o professor exigiu um pouco mais de atenção das crianças, pois havia revisão de assuntos gramaticais passados, como dos artigos a e an, e o emprego de There are e There is. De acordo com o professor às sextas-feiras é o dia de aula de gramática. Há um livro de inglês específico estabelecido para utilizar nas turmas do ensino fundamental ao médio. Chama-se “SAS”. Além disso, o método bilíngue se permite para este público que está começando a aprender o idioma.

Apesar de ser uma turma que gosta de conversar, as crianças interagem com o professor. Elas gostam dele, não sentem vergonha de tirar dúvidas e o mesmo é muito atencioso, paciente e ágil diante das dificuldades. Segundo ele, são utilizados métodos para as crianças aprenderem inglês sem usar a tradução. As metodologias são mímicas, imagens e desenhos. Não funcionando esses procedimentos, a tradução é utilizada.

Por fim, não usou em nenhuma aula o método da tradução.

CONCLUSÃO

Em uma semana de aula vimos muitas coisas no Colégio Cepi Expansão. A Instituição demonstra ser preparada ao observarmos os serviços prestados à sociedade sergipana. É uma escola capacitada para atender alunos em qualquer situação, dispendo de serviços como Sistema de Horário Estendido, Sistema Integral, Psicologia Escolar e Nutrição Saudável.

Neste processo de observação vimos algumas técnicas neurolinguísticas utilizadas de forma inconsciente pelo professor. A utilização de gravuras e a pronúncia dos seus respectivos nomes, facilitou na memorização dos objetos. Isso ele faz em todas as aulas como forma de ajudar às crianças apredenderem a língua, sem a busca da tradução. Depois a prática de exercícios, envolvendo gramática, intertextualizando assuntos passados e novos. Observmos as crianças, em sua maioria lembrarem de conteúdos explicados, na hora de responder as atividades com o profissional.

Quanto às aulas práticas de terça (aula de Lego) e quarta (Robótica) percebemos que as técnicas de neurolinguísticas não foram muito bem exploradas por conta do mau comportamento das crianças e a redução de computadores na sala de Robótica, dificultando a concentração, agilidade e interatividade entre os integrantes da turma. Os alunos poderiam ter montado por completo o restaurante, sem fazer barulho, no dia estabaelecido e na sala de Robótica deveriam ficar em silêncio, para poderem usar a criatividade quanto ao nome do estabelecimento, montar um pequeno anúncio sobre o mesmo, etc.

Conseguimos entender a didática do professor, pois foi objetivo, prático, observador e ágil nos momentos necessários. Ele demonstrou segurança nas suas metodologias e ciente da questão do mau comportamento da turma, Apesar desse transtorno, as crianças tem simpatia por ele, sentem-se à vontade com o tio (elas o chamam assim), interagem nas aulas e não deixam de tirar dúvidas.

Podemos inferir durante este período no colégio, que o educador em todas as suas aulas explora atividades de memorização, interpretação e atividades em grupos como forma das crianças explorarem o aprendizado, como também aprenderem coisas novas, enriquecendo o seu vocabulário. É importante ressaltar que este público está iniciando o convívio com uma segunda língua.

REFERÊNCIAS

AHLSÉN, E. Introduction to Neurolinguistics. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2006;

BIRDSONG, D. Introduction: whys and why not for the Critical Period Hypothesis in second language acquisition. In: BIRDSONG, D. (Org). Second language acquisition and the Critical Period Hypothesis. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1999;

KANDEL, E.R.; SCHWARTZ, J.H.; JESSELL, T.M. Fundamentos da Neurociência e Comportamento. Rio de Janeiro Guanabara Koogan, 2002.

Kock, I.; Morato, E.; Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a Linguística e as ciências cognitivas. Cadernos de Estudos Linguísticos. Unicamp Campinas, (44):85-92, Jan/Jun. 2003.

KRASHEN, S. D., LONG, M. A., SCARCELLA, R.C. Age, rate and eventual attainment in second language acquisition. TESOL Quarterly, 13, p. 573-582, 1979;

LAMENDELLA, J. General principles of neurofunctional organization and their manifestations in primary and non-primary language acquisition. Language Learning, 27, p. 155-196, 1977;

LENNEBERG, E. Biological foundations of language. NovaIorque: John Wiley, 1967;

LENT, R. Cem bilhões de Neurônios – Conceitos Fundamentais da Neurociência. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

LOMBROSO, P. Aprendizado e memória. Rev Bras Psiquiatr 2004; 26(3):207-10.

MORATO, E. A noção de Frame no contexto Neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: letras e Cognição. N. 41, p. 93-113, 2010.

MORATO, E. Contribuições da Neurolinguística para a Linguística Aplicada e Vice-versa. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 8, n. 101, p. 293-314, 2014.

SCARPA, E. Aquisição de linguagem. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2001. V. 3, p. 203-232;

SCHERER, L. C.; GABRIEL, R. Processamento da linguagem: contribuições da Neurolinguística. Signo, v. 32, n 53, p. 66-81, 2007;

SCOVEL, T. A time to speak: A psycholinguistic inquiry into the critical period for human speech. New York: Harper and Row/Newbury House, 1988;

SELIGER, H. W. Implications of a multiple critical period hypothesis for second language learning. In: Second language Acquisition Research: Issues and implications. W.C. Ritchie (Ed. NY: Academic Press, 1978. p. 11-19;

SINGLETON, D.; RYAN, L. Language acquisition: the age factor. Clevedon; Tonawanda NY; e Ontario: Multilingual Matters Ltd, 2004;

SNOW, C. E., HOEFNAGEL-HÖHLE, M. The critical period for language acquisition: Evidence from second language learning. Child Development, 49, p. 1114-1128, 1978;

SZCZENIAK, K.; VIEIRA, C.L. ENTREVISTA – A língua no cérebro. Ciência Hoje, v. 41, n. 242, 2007.